



O TEXTEL

ÓRGÃO DE UNIDADE DA CLASSE TÊXTIL

A CRISE NA INDÚSTRIA TÊXTIL É CADA VEZ MAIS GRAVE

MAIS MISÉRIA PARA OS OPERÁRIOS DOS «INGLESES»

Tal como o «O Textil» vem relatando e afirmando, a crise na indústria têxtil longe de estar estancada vai-se agravando cada dia que passa sem que os governantes da Nação tomem qualquer medida que ajude a atenuar esta crise, mas, ao contrário, eles ajudam os grandes industriais a atacar com os operários para a miséria, tal como aconteceu agora nos «Inglezes».

Esta empresa, que tinha já há alguns meses encerrado praticamente as suas portas, ainda estava a pagar aos seus operários e operárias um subsídio semanal de 3 dias, subsídio este que a gerência resolveu terminar a partir do começo de Agosto. Combustores das tradições de unidade e luta das nossas operárias, os patrões desta empresa, semendo à indignação que esta decisão lhe causou, tiveram o cuidado de solicitar do governo o envio de numerosas forças da PIDE e da P.S.P. que ocuparam a empresa enquanto eram pagas as indenizações aos operários.

Assim, o governo que devia ter a preocupação de evitar que a miséria aumentasse no país, ainda colabora no agravamento dela na medida que manda a polícia tomar posição contra perto de 2 mil portugueses e suas famílias para defender uma família de exploradores estrangeiros!

A SOCIEDADE TÊXTIL DO SUL, VAI FECHAR

Tal como o Século de 10-8 anunciou esta empresa de Albandra está em risco de fechar as suas portas atirando para a miséria cerca de 200 operários além dos 500 que já despediu anteriormente. Estes despedimentos, juntamente àquelles que relatámos neste e noutros números do «O Textil», e as ameaças de outros que poiram em quase todas as empresas tornam a situação cada vez mais trágica para todos os operários desta indústria; nós porque ficam reduzidos à miséria, outros porque os seus empregos estão cada vez mais ameaçados.

Como fazer face a esta situação? Os operários e operárias dos «Inglezes» e da Textil do Sul têm estado a recolher assinaturas para enviar ao Sr. Ministro das Corpo-

rações, I.N.T., etc. Estas coisas sendo inteiramente justas, não bastam para resolver uma situação difícil como esta. Os trabalhadores dos «Inglezes», da Textil do Sul e de todas as empresas onde hajam despedimentos ou o perigo deles se darem, deverão unir-se e não acedarem os despedimentos. Cada trabalhador despedido, ajudado por todos os companheiros que ainda trabalham, deve apresentar-se ao trabalho mesmo que os patrões pretendam fechar as fábricas, ao mesmo tempo os trabalhadores devem dirigir-se em massa ao Sindicato para exigir das direcções que actuem em defesa da classe e não se dêem a par disto desde que os trabalhadores dirigem as autoridades para que elas tomem providências, se os industriais não querem trabalhar com as fábricas que o governo tem conta delas e as pagaria a trabalhar, ou então que lhes seja dado um subsídio de desempregados. Se durante tantos anos estes trabalhadores andaram a descontar para o Fundo do Desemprego é justo que seja deste fundo um subsídio para os auxílios.

Operários e operárias têxtil vós não deveis ficar de braços cruzados, isso seria permitir que a miséria se lastasse definitivamente as vossas casas.

Unidos fazei valer os vossos direitos.

O 1.º DE MAIO EM TORTOSENDO E COVILHA

Os nossos camaradas de Tortosendo e Covilha, seguindo uma tradição já antiga, festejarão o 1.º de Maio, dia de festa para os trabalhadores de todo o mundo. Este dia, considerado como o dia dos trabalhadores pelos governantes de quase todos os países, assim como por sua Santidade o Papa Pio XII, ainda é proibido em Portugal!

Só porque a imensa maioria das trabalhadores de Tortosendo resolveu festejar este dia, não conseguindo no trabalho, o governo mandou encerrar as fábricas por uma semana e ocupar militarmente a vila por forças da G.N.R. e P.S.P.

Também na Covilhã a maioria dos operários não trabalhou neste dia, apesar das ameaças e das promeças que os patrões lhes fizeram.

Desta maneira os nossos camaradas têxtils de Tortosendo e Covilhã dem a fazer o exemplo de unidade.

Companheiros de Tortosendo e Covilhã! «O Textil», em nome de toda a classe, saudavos pelo vosso magnífico exemplo.

Bravo! Companheiras da Senhora da Hora!

Aproveitando a passagem do 50.º aniversário da empresa «S.ª da Hora», dia de festa para todos os que lá empregam o seu tempo e esforço (especialmente para os directores) as nossas camaradas da S.ª da Hora que, há muitos, resolveram dirigir-se ao sr. Pinto de Azevedo para lhe pedir:

1.ª—Que o período de permanência dos seus filhos na creche, passe de 2 para 4 anos tal como inicialmente acontecia.

2.ª—Que fosse construída a maternidade promulgada desde há muito, mas cuja construção nunca mais aparece.

3.ª—Que a empresa lhes pague os medicamentos que a Caixa não dá.

A estas justas e humanas pretensões respondeu o sr. Pinto de Azevedo que não sabia que as crianças só estavam na creche os 2 anos pois julgava serem 31 como se o sr. Azevedo não soubesse o que se passa na sua fábrica! Entretanto prometeu satisfazer estas reivindicações.

Quanto à Maternidade diz esperar que o governo dê a sua contribuição há muito prometida, mas prometeu que de futuro as operárias iriam a Maternidade Júlio Dinis a expensas da fábrica. E sobre os remédios prometeu pagar os mais caros.

Esta luta das nossas camaradas da S.ª da Hora pode assim tornar-se uma grande vitória se elas souberem insistir junto do patrão para que as suas promessas não fiquem esquecidas. Se assim procederem os seus resta exclamar:

Bravo companheiras da S.ª da Hora, vós de novo demonstrastes que nós só somos ouvintes quando estamos unidos.

LUTA CONTRA OS 4 TEARES

A ideia de que o trabalhar com 4 teares podia trazer um razoável aumento nos salários as operárias hoje existem tão completamente posta de lado, pois elas verificam que, não só não ganham em relação ao esforço despendido, como vêem as suas forças diminuírem de dia para dia. Por estes motivos têm havido protestos em várias empresas e agora podemos juntar mais um que nos mostra bem quanto presta a nossa unidade e firmeza.

Na C.U.P. do Barreiro, 5 mulheres juntaram-se e foram falar com o engenheiro porque estavam a trabalhar com 4 teares e só recebiam de Boleo a rodado, por semana, dizendo-lhe também que não aguentavam o ritmo de trabalho que os 4 teares impõem, pois se sentiam enfraquecer bastante e durante na segunda-feira seguinte não trabalhariam com 4 teares.

Na segunda-feira, tal como tinham dito, as operárias não pagaram no trabalho com os 4 teares estando até às 6 horas paradas junto delas e assim o engenheiro teve de mandar desmanchar 8 grupos que englobam 24 mulheres, mas durante essa semana foram desmanchados mais ceten de 85 grupos, englobando mais 73 mulheres, que ficaram a trabalhar só com 2 teares.

Agora só trabalham com 4 teares as operárias que trabalham com automáticos.

Companheiras que trabalham com 4 teares, se não queris arruinar a vossa saúde para sempre segui o exemplo das nossas colegas da C.U.P.!

